

mas de símbolos, e trabalha então com estes esquemas e símbolos. Um objecto é já pensado como um símbolo, um sinal, representativo de relações fixas empíricas que habitualmente não são pensadas analiticamente. O que fazemos com os objectos, fazemo-lo igualmente com as relações entre objectos, e depois com as relações cada vez mais complexas entre estas relações: assim se vão estratificando os símbolos com os símbolos, sem que pensemos a todo o momento no seu conteúdo; mas este está implícito no símbolo, e pode sempre que seja preciso ser reduzido ao dado por divisão dicotómica das relações. O conceito átomo ou electrão é um símbolo deste tipo, e é sempre reduzido ao dado quando se torna preciso, e a ciência teórica *em geral* é sempre reduzida ao *dado* (positivismo integral, radical), quando uma crise surge no seu campo. Sobre os dados reconstrói então nova pirâmide de relações e símbolos que coordenam sob nova forma os dados: Tal é o que sucedeu com a passagem da ciência clássica à actual. A teoria de Einstein, os Quanta, são novas coordenações simbólicas do conjunto de dados, isto é, da totalização da experiência. E se a ciência clássica faz parte integrante da actual, é porque os símbolos da actual são relações que estabelecem uma síntese mais geral. Todo este movimento é tornado possível pela forma como é elaborada, manejada a relação; o movimento por muito complexo que seja, vai sempre dos correlatos à relação, e da relação aos correlatos; sem perder, neste movimento a unidade, nem destruir o complexo [correlatos-relação]. Daí uma flexibilidade extrema no movimento histórico da ciência, uma grande possibilidade de movimentos, uma possibilidade constante de adaptação do pensamento aos factos. Daí a possibilidade de progressão, de avanço histórico no tempo e a sua ascensão.

Daí ainda a progressão no sentido da unidade, apesar dos processos analíticos da ciência; daí a solidez, a coerência, que a faz resistir aos choques dos factos, da especulação e da crítica. Daí a sua disciplina, que permite um processo científico geral, um pensamento comum, apesar da diversidade de espíritos e tendências, e do caos na diversidade do dado e das atitudes ante o dado. É que no fundo disto tudo está o carácter psicológico comum da

relação a dar unidade ao movimento, e as características acima apontadas da relação, a gerar a unidade, a flexibilidade e a coerência ao todo no meio da sua sensibilidade.

O contrário, precisamente, sucede em Metafísica. Esta tende constantemente em romper os laços que ligam a relação aos correlatos, e a dar independência e autonomia à relação em si. Assim ela tende a passar por um salto directo ao limite, e a fazer absolutos de todas as relações tornadas autónomas, incondicionadas, libertando-as dos correlatos.

Este é o vício psicológico capital da Metafísica. Daqui resulta imediatamente que o pensamento metafísico se dirige numa só direcção, sem recuo possível ao dado; daqui resulta a sua impermeabilidade à experiência, os seus constantes conflitos com esta, a sua irreductibilidade ao dado; daqui resulta a impossibilidade do duplo movimento entre o dado e o símbolo, a impossibilidade de coordenação, o conflito da unidade com a diversidade, do *ser* com o *não ser*, do movimento com o estático, da síntese com a análise, do todo com as partes; daqui resulta a anquilose do processo, que a partir de um certo ponto não pode mover-se nem para a frente nem para traz, isto é, nem para mais altos símbolos coordenadores, nem para os correlatos; daqui ainda o empobrecimento fatal pela impossibilidade de enriquecimento à custa do dado, e a estagnação. Daí portanto a impossibilidade de progresso: o sistema, ao fim de certo desenvolvimento, esbarra-se num héco sem saída, entra em conflito com o Real, não pode mais avançar. Roda então sobre si próprio, e atraza-se ante a marcha histórica do espírito humano. O corte de ligações entre a relação e os correlatos, mata o sistema, petrifica-o; e isto tanto mais, quanto o símbolo metafísico está longe dos correlatos fundamentais. Psicológicamente a Metafísica é como uma planta a quem cortamos as raízes, e não pode já nutrir-se; na ciência procede-se a mergulhadas constantes; a Metafísica, perdidas ou cortadas as raízes, quer subir nos ares, e finda em árvore seca, sem seiva, nem folhas, esqueleto nú de ramaria bracejando nos ares. A sensação de falta de vida, de recusa, de artificialismo, dos sistemas metafísicos tem nisto a sua origem; tal é a razão ainda porque tais sistemas